



ANARCHORPUS: POÉTICA POLÍTICA DO CORPO REBELDE

ANARCHORPUS: A POLITIC POETIC OF THE REBEL BODY (ESSAY)

Reyan Perovano Baptista¹

RESUMO

Este é um artigo com características de ensaio sobre o andamento da dissertação. Anarchorpus é projeto anti-dissertação de prazer-saber. É articulação teórica e prática de uma arte crítica. É explicitação da não-neutralidade artística e corporal. É rebeldia. É arte-política e ativismo. Anarchorpus utiliza verborragias, neologismos e ambiguidades a fim de evitar capturas, naturalizações e institucionalizações de modos de viver. Prioriza análises disruptivas, sexopolíticas, farmacopornográficas e tecnológicas. Compreende o cânone oficial da arte e os dispositivos de gênero e sexualidade como ficções políticas. Pretende assim, utilizá-los como estratégia política. Propõe re-sexualização anal e artística; compreensão do corpo como prótese e drag como dildo e, por fim, um regurgitar das análises finais em uma proposição de manifesto.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo; Política; Drag; Ânus; Dildo.

ABSTRACT

This is an article with essay characteristics about the progress of the dissertation. Anarchorpus is a anti-dissertation of pleasure-knowing project. It is the theoretical and practical articulation of a critical art. It is the explicitness of the artistic and corporal non-neutrality. It is rebellion. It is art-politics and activism. Anarchorpus uses verbiages, neologisms and ambiguities in order to avoid capture, naturalizations and institutionalization of ways of living. Prioritizes disruptive, sexopolitical, pharmacopornographic and technological analysis. It comprises the official canon of art and the devices of gender and sexuality as political fictions. Thus, it intends to use them as a political strategy. It intends to re-sexualize the anus and the art; to understand the body as a prosthesis and drag as a dildo and, finally, and to regurgitate the final analyzes in a manifest proposition.

KEYWORDS

Body; Politic; Drag; Anus; Dildo.

Este artigo talvez funcione como um anti-artigo. Ele possui propositalmente características menos engessadas quanto às exigências acadêmicas. Em parte pela necessidade mais

¹ Reyan Perovano ou Rey é corpa que se transveste e se transtorna. Em suas atuais ocupações, é devir artista, professore, pesquisadore, cuir. É mestrante em Artes, onde tem pesquisado a poética política do corpo rebelde. Suas produções costumam estar atravessadas por gêneros, sexos, identificações e desconhecimentos. Contato: reyanperovano@gmail.com.



artística, criativa e poética que o projeto necessita, e em parte por Anarchorpus representar, até o momento, uma anti-dissertação.

Anti-dissertação pelo caráter rebelde próprio do projeto e da corpa que escreve, que por compreender em si atravessamentos de diferentes ficções políticas e sociais, não pretende que se criem novas institucionalizações de modos de viver (uma vez que essas criam novas exclusões). Admite-se aqui a utilização estratégica de ambientes e produções acadêmicas que, sem surpresa, participam das formações “normalizadoras” de compreensões culturais e sociais.

Dito isso, creio que seja importante ressaltar que pretendo que a dissertação seja como um vírus no programa. Um código defeituoso que se recusa a ser excluído do sistema. Que funcione de modos errados e tensione o funcionamento de um academicismo com heranças excludentes. E que para atingir o objetivo, talvez se faça dócil, falsamente domesticado, quando assim convir.

Acredito ainda que a dissertação se modificará bastante até sua conclusão. Mantenho em aberto as novas possibilidades que passam a, gradativamente, atravessar minha corpa enquanto pesquiso e escrevo. Não sei ainda qual será seu resultado em prática. Além de, obviamente, obter um título de mestre ao realizar uma pesquisa-ficção dos modos de minha preferência. Devo admitir que estou utilizando esse espaço para me desenvolver. É meu atual laboratório. E quando aqui tiver acabado, ocuparei outro espaço. De todo modo, disponho-me a me modificar, a me transtornar. Em anarchorpus, sou autocobaia.

A pesquisa apresenta-se propositalmente como articulação entre teoria e prática por acreditar que essas não se dão de modos separados. Rejeita sutilmente o pensamento cartesiano que dará à mente e ao pensar um *status* superior ao corpo, relegando-o a um espaço inferior. Anarchorpus é corpa e é cu.

“Meu cu, logo existo”², expressaria Marcia Tiburi ao fim de uma mesa organizada em um evento *queer* que acabou por não apresentar nada *queer*. Meu cu, logo existo, repito agora por não querer que o mesmo ocorra em um programa de pós-graduação em artes. Devido

² Retirado de debate com Berenice Bento, Marie-Hélène Bourcier e Marcia Tiburi no I Seminário Queer, em 2015, no Sesc Vila Mariana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hID9RvV64ds>



ao conteúdo da pesquisa, devo dizer mais uma vez, coloco-me sempre ao risco de institucionalizar modos de vida e conseqüentemente criar exclusões. Por esse motivo, minha corpa estará sempre presente nas letras e palavras que acabarem por se desenrolar. Quase sempre conscientemente política.

Anarchorpus, nome atual da pesquisa, é um modo pessoal de seguir uma política dos anormais³, como proporia Paul B. Preciado. Escolhe propositalmente expressar o fazer artístico crítico, propositalmente o prazer-saber. Situa no corpo, nos dedos, nos dildos, nos cus, na pele, nos fígados, pulmões, etc, um saber que não precisa existir de modo puramente hipotético e linguístico. Ele se dá na materialidade plástica e presente do corpo.

É ponto nodal do projeto que se saiba que, do mesmo modo que não existe falo⁴; e que sexualidade e dispositivos de gênero são ficções políticas⁵, não existe também neutralidade artística e tampouco corporal. E a partir de Chantal Mouffe⁶, afirma-se que esses são territórios de disputa. Territórios políticos.

A (anti)dissertação é uma disputa. Como a corpa que a escreve. Enfrentou resistências que se mostraram dentro do programa. Enfrentou questões de permanência no programa. Compreende os antagonismos da democracia argumentados por Mouffe⁷ como impulso. Não pretende criar reflexões necessariamente pioneiras, mas que se fazem necessárias a nível pessoal e extra-pessoal – principalmente devido ao atual contexto político brasileiro.

Anarchorpus é um neologismo. A palavra reverbera os descumprimentos tradicionais da língua portuguesa que se encontram de modos propositais no desenvolver da pesquisa. Propõe flexibilidade poética e subversão corpórea. Utiliza ambigüidade, verborragia. Pretende não ser capturada e/ou naturalizada. O termo anarchorpus, que propõe uma simbiose entre *anarkia* e *corpus*, sugere precisamente o corpo comumente dado como insubordinado. Que não quer se sujeitar. O corpo que precisa ser aparado. Que acaba não

³ Refere-se ao texto de Preciado *Multidões queer: notas para uma política dos "anormais"*, originalmente publicado em 2003. Presente em *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*, 2019, a partir da p. 421.

⁴ Preciado, em *A lógica do dildo ou as tesouras de Derrida*, argumenta que "o falo não é senão uma hipóstase do pênis" (PRECIADO, 2017, p.78).

⁵ Para Preciado, identificações e identidades "são ficções somáticas porque sua existência depende do que Judith Butler denominou repetição performativa de processos de construção política" (PRECIADO, 2018, p.76).

⁶ Refere-se ao texto *Práticas artísticas y democracia agonística*, de Chantal Mouffe, 2007.

⁷ Idem.



sendo visto como sujeito. O corpo não dócil de Michel Foucault. O corpo abjeto de Preciado. O corpo que uma vez já foi *Queer*. Mas que agora vê cada vez mais essa palavra se institucionalizando e perdendo sua proposital inadequação.

A pesquisa se faz parente ilegítima de Judith Butler e Preciado, de onde pode surgir. É entendimento de próteses, ânus, discursos, artes e artifícios, dildos, intervenções e resistências. É antinaturalidade que evoca questões de importância política, social e econômica. É diálogo, antagonismo e agonismo artístico como estratégia de anti-hegemonia. A proposta surgiu com um conjunto (ainda em continuidade no momento de escrita deste ensaio-artigo ou anti-artigo) de performances iniciadas durante o período de graduação, formada por *Atos* artísticos. O principal objetivo inicial consistiu-se em deslocar visualidades e construções de masculinidades e feminilidades a fim de questioná-los. E agora distancia-se um pouco de sua origem e desdobra-se em um aprofundamento teórico (que pode a frente tornar-se mais um novo *Ato* em si).

O corpo; o cu e sua ambiguidade; os dildos e as fabricações econômicas do sexo, todos surgem no texto com o objetivo narcisista de reconhecimento e desconhecimento de uma corpa que já não suporta que a controlem. De uma corpa que se infiltrou nas redes acadêmicas a fim de sobreviver. Assim, se preciso ela dissimula, disserta, desidentifica. Pesquisa conceitos pós-feministas, transfeministas e os que se dizem *queer*. Tenta utilizar ao seu favor a sexopolítica, o farmacopornismo e o que puder subverter das redes e das tecnologias atuais.

Como frequentemente expressa-se artisticamente e encontra-se em um programa de pós-graduação em Arte, discute o fazer artístico para alimentar suas hipóteses e questões acerca de ruptura e desidentificação. Pesquisa o corpo subversivo e sua materialidade, seus aspectos críticos e políticos. Discute a importância da representação (artística-cultural-social) nas relações de formação do que é compreendido de modo naturalizado como gênero e sexo.

Anarchorpus tem sido resultado pessoal de um refluxo. Um vômito ácido que nem deveria ter a necessidade de ocorrer. Ocupa um espaço teórico-acadêmico que a pouco, não era acessível, e no presente des-governo, tende voltar a não ser. Com as políticas bolsonaristas



de sucateamento educacional acompanhado de propostas de controles externos privados, o ensino superior, assim como as pós graduações (e a frente também o ensino básico) aos rápidos passos podem voltar a ser possibilidades apenas de elites, de brancos, de homens cis encucados com o tamanho dos próprios paus. Assim, esse é um exercício de ocupação.

Anarchorpus surge em um contexto onde um sujeito não heterossocial morre a cada 19 horas. Onde as travestis têm a expectativa de vida de 35 anos. Onde suas vidas frequentemente são relegas às ruas e à prostituição. Onde um religiosinho sodomita neoconservador pode arrancar corações travestis por afirmar que essas são demônios⁸. Anarchorpus surge em país onde o governo faz frequentes declarações homo-lesbo-transfóbicas, misóginas, classistas e racistas. Declarações e falas feitas pela figura presidencial e por seus ministros. Devido aos ideais neomedievais e projetos de leis descabíveis propostos, a previsão do número de violências não tende a desacelerar. (Com as atuais medidas autoritárias, pode ser que essas tendam ainda a serem mascaradas).

Alternativamente, novas compreensões e deslocamentos prévios acerca de corpo, gênero, identidade e sexo tem composto gradualmente o panorama artístico atual. E se gênero é, como Teresa de Lauretis afirmou, uma representação; e se sua representação, é sua construção⁹, então o fazer artístico (e anti-artístico) pode constituir um papel importante em demandas revoltosas e revolucionárias.

Como dito por Mouffe em *Prácticas Artísticas y Democracia Agonística* (2007), “as práticas artísticas e culturais são absolutamente fundamentais como um dos níveis nos quais se constituem as identificações e as formas de identidade”¹⁰. A autora sugere compreender que as identidades nunca estão dadas de antemão. Que não são naturalizadas. Essas são, segundo a autora, resultados de processos de identificação. Desse modo, devemos questionar então quais tipos de identidade as práticas artísticas devem promover.

Para tanto, adota-se como metodologia (etapa que decidi não subverter) o estudo de bibliografias e documentos voltados para o campo da arte e das ciências sociais, discutindo

⁸ Refere-se à notícia: “Homem é preso em Campinas após matar travesti e guardar coração: 'Era um demônio'”. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/01/21/homem-e-preso-em-campinas-apos-matar-e-guardar-coracao-da-vitima-em-casa.ghml>

⁹ LAURETIS, 2019, p.124. Presente em *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*.

¹⁰ MOUFFE, 2007, p.26.



conceitos-ficções¹¹ que evocam gêneros (com suas expressões e performatividades), sexualidades (e seus desdobramentos biopolíticos e farmacopornográficos) e linguagem (e seus dispositivos políticos de poder).

Abordam-se as obras de Butler, *Problemas de Gênero* (2003) e *Corpos em Aliança e a Política das Ruas* (2018), onde encontra-se em discussão a formação do conceito de sujeito, de gênero, sexo, precaridade, povo, performatividade e política performativa. Utiliza-se também a obra de Sara Salih, *Judith Butler e a Teoria Queer* (2015), onde importantes reflexões acerca de linguagem e corpo são geradas a partir de questões abordadas por Butler em obras tais como *Excitable speech* e *Bodies that Matter*.

Em sua transgressão de pensamento e vivência, compondo críticas ao feminismo construtivista e a pensamentos de Foucault, as obras de Paul B. Preciado, *Manifesto Contrassexual* (2017) e *Testo Junkie* (2018) situam as questões não naturais e tecnológicas dos dispositivos de gênero e sexo, expondo-os como ficções, além de conferir a esses, um estado prótico e emancipador em relação ao corpo. *A História da Sexualidade* (2017) e *Ditos e Escritos* (2006) de Michel Foucault são utilizadas para analisar genealogias de dispositivos modernos de sexualidade e de poder.

Para situar em contexto arte-político contemporâneo, utiliza-se *Intervenções Críticas* (2002), onde Nelly Richard evoca contextos de resistência frente a estruturas opressoras e totalitárias do contexto ditatorial chileno. Para tanto, a ação *Estrellada san camilo* (1989) do coletivo *Yeguas del apocalipsis* é analisada por seu desacato socialmente provocante, a materialidade presente do corpo no trabalho e sua oposição à ditadura militar chilena com suas sanções sociais, aprofundando as discussões políticas, críticas e subversivas possíveis na arte.

O título de Gayatri Chakravorty Spivak, *Pode o Subalterno Falar?* (2010), é utilizado a fim de questionar brevemente a fala e a escuta dominantes. A obra *Prácticas Artísticas y Democracia Agonística*, de Chantal Mouffe (2007), encontra-se como apoio para situar arte, política e espaço público, evocando, ainda, conceitos como democracia, antagonismo e agonismo. Utiliza-se também a dissertação *Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ação Coletiva* (2008) de

¹¹ Ver nota 4.



André Luiz Mesquita, que debate a dimensão política e crítica nas produções artísticas sobretudo da década de 90.

As obras de Donna Haraway, *Antropologia do Ciborgue* (2009), Virginie Despentes, *Teoria King Kong* (2016), Javier Sáes, *Pelo Cu: Políticas Anais* (2016) e Silvia Federici, *Calibã e a Bruxa* (2017) auxiliam argumentações sobre os descentramentos na compreensão de gênero, sexo e identidade tais como as compreendemos atualmente. Por fim, análises *drags* e prostéticas, tais como as fotografias e composições andróginas de Del LaGrace Volcano e a falsa transformação plástica-cirúrgica da *drag queen* Alexis Stone são utilizadas para compor discussões específicas da aplicação da arte como compreensão, desconstrução e questionamento de imagem e identidade. (Mas penso ainda em modificar as obras escolhidas a serem analisadas na dissertação, evocando contextos mais próximos, tupiniquins).

Todo o primeiro capítulo volta-se, atualmente, a desestabilização da “narrativa artística” oficial. Compreende-se que os cânones artísticos (de homens brancos, ricos, cis, héteros, americanos e europeus) funcionam com lógicas semelhantes às de seus ânus cis-heteroprivatizados. Investigam-se, como exemplos, ações dos coletivos *Guerrilla Girls*, *Escena de Avanzada* e *Yeguas del Apocalipsis*. A aposta na arte como estratégia política pretende ser adotada de modo análogo à re-sexualização anal proposta por Preciado como ato de subversão frente aos entendimentos hegemônicos.

Um “apêndice” é criado, ainda, para discutir o resultado do *queermuseu*. A palavra “apêndice”, bem como sua intencionalidade no capítulo (chamado Arte ânus), brinca com o fato da narrativa artística relativizar as produções críticas, situando-as à parte de uma produção historicamente reconhecida. O problema é frequentemente compartilhado com as produções categorizadas em exposições específicas intituladas como feministas e/ou negras, por exemplo.

O segundo capítulo retoma o corpo e as problematizações acadêmicas de gênero e sexo. Aprofunda os debates sobre práticas artísticas iniciados no primeiro capítulo e aplica-se o entendimento de poética como política, de modo que os dispositivos *drag* são debatidos



como próteses artísticas e políticas, pensando suas construções paródicas de masculinidades, feminilidades e esquisitices.

E por fim, o terceiro capítulo (que segue ainda em desenvolvimento) solta-se mais das exigências ABNTistas para agarrar-se à espontaneidade necessária em cartilhas e manifestos. Nomeado de *Culíngua Excrementar*, o capítulo deve representar a união artista de *cu* (em suas dimensões políticas, corpóreas e potencialmente prazerosas) e *língua* (linguagem, arte e ação), unidos como um beijo grego de prazer-saber que aplica-se ao ânus como determinada perversão social e como síntese das problemáticas previamente analisadas. O termo Excrementar pretende jogar com a interpelação de abjeção as quais corpos não heterosociais são enquadrados. Excremento é a produção de uma maquinaria social hegemonzante. São corpos em condição de precaridade.

Desse modo, *Culíngua Excrementar* desloca o que é excremento, sendo um beijo e uma arte artista que aplicam-se ao cu, compreendendo, no esfíncter e no corpo, um prazer sujo, que não quer ser capitalizado, um prazer político que as potências hegemonzadoras frequentemente demonizam.

Como dito anteriormente, penso que todas essas estruturas podem ainda se modificar. E não consigo saber previamente quais serão os resultados. Nem da anti-dissertação, nem de minha corpa autocobaia, que se modifica dia pós dia em que se depara a novos contextos e situações.

Espero, contudo, que a escrita de ananchorpus (e também a desse falso artigo) cause ou intensifique alguns tensionamentos. Espero também que se façam compreensíveis os motivos de continuarmos a ocupar os espaços e vomitar mais palavras e ações. Espero que cause qualquer mínimo pensamento de maldade, disrupção e rebeldia. Se você for uma esquisita, afeminada, bicha, sapatão, travesty, etc., desobediente civil em potencial, saiba que somos necessárias.

Referências



BENTO, Berenice; BOURCIER, Marie-Helène; TIBURI, Marcia. **I Seminário Queer**, debate com Berenice Bento, Marie-Helène Bourcier e Marcia Tiburi, Sesc Vila Mariana, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h1D9RvV64ds>> Acesso: 12 ago. 2019

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade; tradução Renato Aguiar. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a Política das Ruas**: Notas para uma Teoria Performativa de Assembleia; tradução Fernanda Siqueira Miguens – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

DEL LaGrace Volcano, **Co-portrait with Gerard Rancinan**, Paris: 2004. Disponível em: <https://www.dellagracevolcano.com/gallery/me,-myself-eye-35548932>. Acesso jan. 2019

DEL LaGrace Volcano, **Gender Optional Series**, Londres: 1999. Disponível em: <https://www.dellagracevolcano.com/gallery/me,-myself-eye-35548932>. Acesso jan. 2019

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**; tradução Márcia Bechara – São Paulo: n-1 edições, 2016

FEDERICI, Sílvia, **Calibã e a Bruxa**: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva; tradução Coletivo Sycorax – São Paulo: Editora Elefante, 2017

FOUCAULT, Michael, **Ditos e Escritos**: Ética, Sexualidade, Política, vol. I, 2 ed – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006

FOUCAULT, Michael, **História da Sexualidade I**: a Vontade de Saber; tradução Maria Albuquerque e J. Albuquerque, 6 ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017

GI, Campinas e região, **Homem é preso em Campinas após matar travesti e guardar coração**: 'Era um demônio'. Jan. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/01/21/homem-e-preso-em-campinas-apos-matar-e-guardar-coracao-da-vitima-em-casa.ghtml>> Acesso em jul. 2019

GUERRILLA girls, **Do women have to be naked to get into the met. museum?** – Nova York, 1989. Disponível em: <<https://www.guerrillagirls.com/projects>>. Acesso em: 15 mar. 2019

GUERRILLA girls, **As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?** – São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.guerrillagirls.com/projects>>. Acesso em 15 mar. 2019

MESQUITA, André Luiz, **Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ação Coletiva** – São Paulo: 2008

HARAWAY, Donna. **Antropologia do Ciborgue**: as Vertigens do Pós-Humano; tradução Tomaz Tadeu, 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org), **Pensamento Feminista**: conceitos fundamentais; Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019;

MESQUITA, André Luiz, **Insurgências Poéticas: Arte Ativista e Ação Coletiva** – São Paulo: 2008

MOUFFE, Chantal. **Prácticas artísticas y democracia agonística** – Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2007.

PRECIADO, Paul B., **Manifesto Contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual; tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro – São Paulo: n-1 edições, 2017



PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**: Sexo, Drogas e Biopolítica na Era Farmacopornográfica; tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro – São Paulo: n-1 edições, 2018

RICHARD, Nelly, **Intervenções Críticas**: Arte, Cultura, Gênero e Política; tradução Romulo Monte Alto – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002

SÁEZ, Javier, CARRASCOSA, Sejo, **Pelo Cu**: Políticas Anais; tradução Rafael Leopoldo – Belo Horizonte: Letramento, 2016

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**, 1. ed.; 2. reimp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

SPIVAK, G. C, **Pode o Subalterno Falar?** – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012

VIDARTE, Paco, **Ética bixa**: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ – São Paulo: n-1 edições, 2019

YEGUAS del Apocalipsis, **Estrellada San Camillo**, Santiago: 1989. Disponível em: <http://www.yeguasdelapocalipsis.cl/1989-estrellada-san-camillo/>. Acesso jan. 2019